



ISBN 978-989-644-159-3



ISBN (Círculo de Leitores): 978-972-42-4695-6

Capa e *design* gráfico

DPI Cromotipo

Paginação

DPI Cromotipo

Revisão de texto

Conceição Candeias

© 2011 Círculo de Leitores e Temas e Debates

Primeira edição para a língua portuguesa

Impresso e encadernado em Maio de 2011

Execução gráfica

Bloco Gráfico

Unidade Industrial da Maia

Edição n.º: 7690

Depósito-legal: 328 252/11

Na capa: pormenor de *Banquete oferecido pela cidade de Bruxelas a D. Maria de Portugal e Alessandro Farnese, a 4 de Dezembro de 1565*. Álbum de Bruxelas, iluminura n.º 12. Gabinet Rycin Biblioteki. Universidade de Varsóvia.

a mesa dos reis de Portugal

Ofícios, consumos, cerimónias
e representações (séculos XIII-XVIII)

Coordenação de
Ana Isabel Buescu
David Felismino

Apresentação de
Maria Helena da Cruz Coelho

TEMAS E DEBATES
Círculo de Leitores

A Mesa dos Reis – Acto e Teatro MARIA HELENA DA CRUZ COELHO	6	A construção da mesa do rei JORGE CRESPO	226
Sobre a construção de um campo historiográfico ANA ISABEL BUESCU E DAVID FELISMINO	14	Festas diplomáticas: as festividades de João Gomes da Silva, conde de Tarouca, em Utrecht e Viena ANGELA DELAFORCE	238
Casa e ofícios da mesa		Rituais e protocolos das mesas reais no século XVIII LEILA MEZAN ALGRANTI	244
Os convivas do rei e a estruturação da corte (séculos XIII a XVI) RITA COSTA GOMES	26	A mesa das rainhas de Portugal (séculos XV-XVIII): etiqueta e simbólica MARIA PAULA MARÇAL LOURENÇO E RICARDO FERNANDO PINTO	260
A mesa, o leito, a arca, a mula. Como se provia ao sustento e itinerância das rainhas de Portugal na Idade Média ANA MARIA S. A. RODRIGUES	44	Os alimentos	
Mesa e aprovisionamento na Casa dos duques de Bragança. Orgânica interna e cerimonial MAFALDA SOARES DA CUNHA	64	A mesa itinerante dos nossos primeiros reis IRIA GONÇALVES	286
«Ofícios de boca» na Casa Real Portuguesa (séculos XVII e XVIII) ANA MARQUES PEREIRA	82	A mesa do rei. Cultura alimentar e consumo no século XVI ANA ISABEL BUESCU	304
Cozinha, «família» e cavaliarias: padrões de consumo da aristocracia de corte em Portugal no século XVIII NUNO GONÇALO MONTEIRO	100	Encenação de Terça-Feira de Entrudo na corte – <i>Auto dos Físicos</i> de Gil Vicente MARIA JOSÉ PALLA	318
A mesa dos reis. Espaços, objectos e utências		A América à mesa do rei ISABEL DRUMOND BRAGA	336
Pôr a mesa no Paço da Ribeira. Espacialidades e encenações da refeição no interior do palácio régio BRUNO A MARTINHO	116	<i>Dieta e gosto</i> na mesa régia. Notas sobre dietética e alimentação na corte portuguesa (séculos XVII-XVIII) DAVID FELISMINO	350
Artes de mesa e cerimoniais régios na corte do século XVI. Uma viagem através de obras de arte da ourivesaria nacional MARIA DO CARMO REBELLO DE ANDRADE	134	Imagens e representações da mesa	
A baixela de François Thomas Germain para a Mesa de D. José I INÉS LÍBANO MONTEIRO	148	A «mesa do rei» como metáfora do poder MARIA ADELAIDE MIRANDA E LUÍS CORREIA DE SOUSA	382
Deslumbramento, profusão e ordem. Aspectos decorativos da mesa real em finais do século XVIII CRISTINA NEIVA CORREIA	166	A narrativa pictórica do banquete do rei nos séculos XVII e XVIII MARCO DANIEL DUARTE	406
Os reis à mesa. Cerimónias e etiquetas		Aparato e cenografia. A representação das artes da mesa na azulejaria do Portugal moderno (séculos XVII e XVIII) MARIA ALEXANDRA GAGO DA CÂMARA	420
O rei à mesa entre o fim da Idade Média e o Maneirismo ISABEL DOS GUIMARÃES SÁ	188	Banquetes, <i>jantares</i> , merendas e refrescos nas quintas de recreio. Realidade e representação ANA DUARTE RODRIGUES	438
Entre comidas públicas e merendas íntimas: alimentação, cerimonial e etiqueta de mesa no tempo dos Filipes ANA PAULA MEGIANI	208	Bibliografia final	453
		Abreviaturas	473
		Notas biográficas sobre os autores	474

Cozinha, «família» e cavaliarias: padrões de consumo da aristocracia de corte em Portugal no século XVIII

Introdução

Nas últimas duas décadas o tema da história do consumo na época moderna registou uma considerável mutação. Tomando como referente os países e territórios da Europa «norocidental» (Inglaterra e Holanda e algumas regiões da França e da Alemanha), fala-se de uma «revolução no consumo» desde finais do século XVII, associada à difusão para públicos alargados de novos objectos do mais variado tipo, desde os relógios aos comestíveis de origem ultramarina, como o açúcar, o café ou as especiarias, tão conectadas com a expansão portuguesa¹. Recentemente, o historiador Jean de Vries apresentou, num livro de grande impacto, uma nova formulação do assunto, recorrendo à ideia da «revolução industriosa» para sustentar que a industrialização de Setecentos e ulterior, nas regiões referidas, teria sido antecedida e acompanhada não só de um aumento da produção no âmbito doméstico, mas simultaneamente de uma ampliação do consumo a grupos sociais muito mais amplos. Tal processo estaria também ligado a um modelo familiar específico, que teria estimulado a referida mutação². A esta luz, o debate sobre o luxo e a publicação de obras tão significativas como *The Fable of the Bees*, de Bernard Mandeville (1714), serviriam não para reeditar velhos modelos, mas para expressar a emergência de novas formas de luxo, distintas das antigas. Em 1767, *sir* James Steuart escreveria que «a embriaguez e uma multidão de criados inúteis eram o luxo dos tempos passados»³. O luxo dos novos tempos teria outras características.

De resto, não seria de todo evidente que os padrões de consumo dos grupos emergentes fossem ditados pela emulação da corte ou das elites, conforme é sugerido pelo modelo clássico de Norbert Elias. Aliás, para os grupos do topo, para aqueles que tinham «algum tipo de propriedade ou a capacidade para ter criados ao seu serviço, as novas formas de consumo integraram-se dentro de um cenário doméstico caracterizado por um conforto e uma sociabilidade maiores, símbolos de uma respeitabilidade e encaminhados no sentido do reconhecimento de um âmbito privado»⁴. Assim, embora não se centre no estudo do consumo das elites, a referida historiografia parece inclinada, em muitos casos, não só a despojar este do estatuto de modelo de referência votado à imitação universal, como a sugerir que também ele, embora de forma diferenciada, estaria a sofrer transformações. Pelo menos no século XVIII, os consumos e gastos «culturais» sofisticados ganharam uma projecção sem antecedentes como factores de distinção social⁵. Um notável livro, publicado há alguns anos por John Brewer e intitulado *The Pleasures of the Imagination*⁶, mostra precisamente a ampliação dos consumos culturais na sociedade inglesa setecentista, cada vez mais encarados como signo de identidades socialmente superiores.